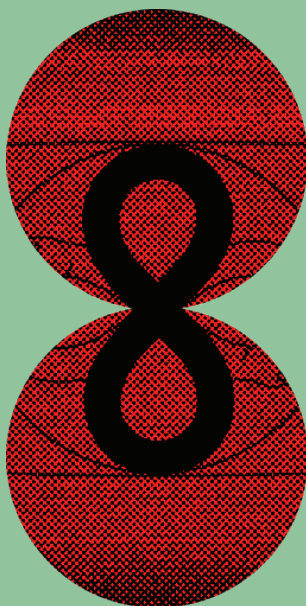
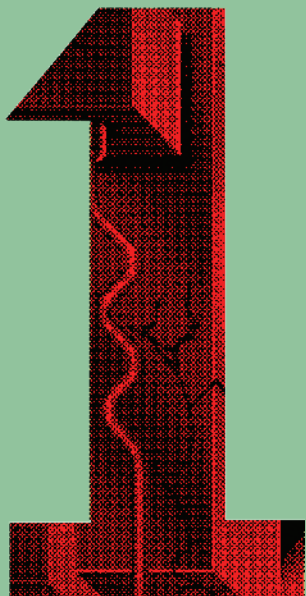


TORBSILHAS



GEORGE
ORWELL

1984

George Orwell

TORBSILHAS

Tradução

Ronaldo Bressane



1



S + S = R

1 Era um dia frio e brilhante de abril, e os relógios davam treze horas. Winston Smith, o queixo aninhado no peito com o esforço de escapar do vento cruel, deslizou rápido pelas portas de vidro das Mansões Victory, mas não rápido o suficiente para evitar que entrasse com ele um redemoinho de poeira arenosa.

O corredor cheirava a repolho cozido e a capachos velhos. Ao fundo, um pôster colorido e grande demais para ser exibido em ambientes internos tinha sido pregado na parede. Retratava só um rosto enorme, de mais de um metro de largura: o rosto de um sujeito de uns quarenta e cinco, bigode preto pesado, um cara bonitão. Winston foi pela escada. Nem adiantava tentar o elevador. Mesmo nos melhores momentos era raro ele funcionar; hoje em dia, a corrente elétrica era cortada enquanto houvesse luz natural. Parte do esforço de economia em preparação para a Semana do Ódio. O apartamento ficava no sétimo andar, e Winston, que tinha trinta e nove anos e uma úlcera varicosa no tornozelo direito, subia sem pressa, descansando muitas vezes pelo caminho. A cada patamar, em frente ao poço do elevador, o pôster com o rosto enorme o encarava da parede. Era uma daquelas fotos que passam a impressão de que os olhos o seguem enquanto você se move. O IRMÃO MAIOR ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, dizia a legenda.

Dentro do apartamento, uma voz gostosa enumerava estatísticas que tinham algo a ver com a produção de ferro-gusa. A voz vinha de uma placa metálica oval e comprida, como um espelho embaçado, colada à superfície da parede direita. Winston virou um interruptor e a voz diminuiu um pouco, mas ainda dava para entender as palavras. O volume do aparelho – a teletela – podia ser abaixado, mas não desligado. Ele foi até a janela: uma figura pequena e frágil, a magreza do corpo enfatizada pelo macacão azul – o uniforme do Partido. Tinha o cabelo muito claro, o rosto bem avermelhado, a pele enrugada pelo uso de sabão áspero e navalhas cegas e pelo frio do inverno que terminava.

Lá fora, mesmo através da vidraça fechada, o mundo parecia gelado. Na rua, pequenos redemoinhos de vento faziam poeira e papel rasgado rodopiarem em espirais, e embora o sol seguisse brilhando no céu de um forte azul, nada parecia ter cor, tirando os cartazes colados em todo canto. De todo lugar de destaque, lá estava o rosto bigodudo olhando para baixo. Havia um na fachada da casa logo em frente. O IRMÃO MAIOR ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, era a legenda, e os olhos escuros se cravavam fundo em Winston. No nível da rua, outro pôster, rasgado num canto, tremulava ao vento, alternadamente cobrindo e descobrindo uma única palavra: SOCING. Ao longe, um helicóptero flanava baixo sobre os telhados, pairou um instante como uma mosca varejeira e então zarpou fazendo uma curva. Era a patrulha policial bisbilhotando as janelas das pessoas. Mas as patrulhas não eram um problema. O problema mesmo era a Milícia Mental.

Por trás de Winston, a voz da teletela continuava tagarelando sobre o ferro-gusa e o cumprimento do Nono Plano Trienal acima das expectativas. A teletela recebia e transmitia ao mesmo tempo. Qualquer som que Winston fazia, mesmo no volume de um sussurro, era captado por ela; além disso, se ele permanecesse dentro do campo de visão enquadrado pela placa de metal, podia ser visto também. Claro que não tinha como saber se você estava sendo observado em um momento específico. A frequência com que a Milícia Mental sintonizava num aparelho e como fazia isso, eram só suposições. Era até possível que eles observassem todo mundo o tempo todo. De todo modo, podiam sintonizar no aparelho que quisessem. Você tinha que viver – e vivia, pois o hábito virava instinto – supondo que todo som que fazia era ouvido e, exceto na escuridão, todo movimento era examinado.

Winston continuava de costas para a teletela. Era mais seguro; só que, como ele sabia bem, até as costas podiam

ser reveladoras. A um quilômetro de distância, o Ministério da Verdade, seu local de trabalho, despontava vasto e branco acima da paisagem encardida. Isso, ele pensou, numa espécie de desgosto vago, isso era Londres, a principal cidade da Faixa Aérea Um, a terceira mais populosa das províncias da Oceânia. Tentou espremer alguma memória da infância para investigar se Londres sempre tinha sido assim. Será que sempre tinha existido essa paisagem de casas podres do século XIX, paredes laterais escoradas em vigas de madeira, janelas remendadas com papelão, telhados de ferro corrugado, divisórias aleatórias de jardim despencando pra todo lado? E os locais bombardeados onde o pó de gesso dançava no ar e a salgueirinha se espalhava pelas montanhas de entulho; e os lugares em que as bombas abriram grandes clareiras onde apareceram sórdidas colônias de barracões que pareciam galinheiros? Não adiantava, ele não conseguia lembrar: nada tinha restado da infância, a não ser uma série de quadros muito iluminados, sem perspectiva, ininteligíveis.

O Ministério da Verdade – Miniver, em falanova – era, para surpresa geral, bem diferente de qualquer outro objeto à vista. Uma enorme estrutura piramidal de concreto branco brilhante que se elevava, em uma série de varandas, a uma altura de trezentos metros. De onde Winston estava, só dava para ler na fachada branca, destacados em letras elegantes, os três slogans do Partido:

GUERRA É PAZ

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

IGNORÂNCIA É FORÇA

Dizia-se que o Ministério da Verdade continha três mil salas acima do nível do solo e ramificações correspondentes abaixo. Em Londres, só havia outros três edifícios de aparência e tamanho semelhantes. Dominavam tão completa-

mente a arquitetura ao redor que, do telhado das Mansões Victory, dava para ver todos os quatro ao mesmo tempo. Eram os edifícios dos quatro ministérios em que se dividia todo o aparato do governo. O Ministério da Verdade controlava as notícias, o entretenimento, a educação e as artes. O Ministério da Paz se ocupava da guerra. O Ministério do Amor mantinha a lei e a ordem. E o Ministério da Grandeza era responsável pelos assuntos econômicos. Seus nomes, em falanova: Miniver, Minipaz, Minimor e Minigrande.

O Ministério do Amor era o mais assustador de todos. Não tinha janelas. Winston nunca tinha entrado no Ministério do Amor, nem se aproximado mais que uns quinhentos metros. Era um lugar impossível de entrar, exceto em negócios oficiais, e mesmo assim era necessário atravessar um labirinto de arame farpado emaranhado, portas de aço e ninhos camuflados de metralhadoras. Até as ruas que conduziam às barreiras exteriores eram ocupadas por guardas brutamontes em uniformes pretos, armados de cassetetes articulados.

Winston se virou de maneira abrupta. Compôs sua fisionomia com uma expressão de otimismo silencioso, a mais aconselhável quando de frente para a teletela. Cruzou a sala até a cozinha minúscula. Por ter saído do Ministério àquela hora, havia sacrificado o almoço na cantina e estava ciente de que não tinha comida em casa, a não ser um pedaço de pão preto que devia ser guardado para o café da manhã do dia seguinte. Tirou da prateleira um frasco de líquido incolor com um rótulo branco simples que dizia GIM VICTORY. Exalava um cheiro enjoativo e oleoso, como o de bebida de arroz chinesa. Winston encheu uma xícara de chá quase toda, respirou fundo e engoliu feito uma dose de remédio.

Na mesma hora seu rosto ficou vermelho, e lágrimas escorreram dos olhos. A coisa parecia ácido nítrico e, além disso, ao mandar para dentro, dava a sensação de tomar uma borrachada de cassetete na nuca. Porém, a queimação na

barriga logo arrefecia e o mundo começava a parecer mais alegre. Puxou um cigarro de um maço amassado onde se lia CIGARROS VICTORY, mas, sem querer, segurou-o de ponta-cabeça, fazendo o tabaco se espalhar pelo chão. Com o cigarro seguinte teve mais sucesso. Voltou à sala de estar e sentou-se a uma pequena mesa do lado esquerdo da teletela. Da gaveta da mesa tirou uma caneta-tinteiro, um vidro de tinta e um grosso caderno em branco, de formato in-quarto, com lombada vermelha e capa marmorizada.

Por algum motivo, a teletela da sala ficava em uma posição incomum. Em vez de ter sido instalada, como de praxe, na parede ao fundo, de onde poderia dominar toda a sala, estava na parede mais comprida, frente à janela. Ao lado dela havia uma pequena cavidade onde Winston estava agora sentado; quando os apartamentos foram construídos, aquele nicho devia ter sido concebido para conter estantes. Sentado na cavidade e mantendo-se bem afastado, Winston conseguia se manter fora do alcance da teletela, ao menos no tocante à visão. Podia ser ouvido, claro, mas enquanto permanecesse naquela posição, não podia ser visto. Em parte, era a geografia incomum da sala que havia sugerido a ele o que estava prestes a fazer.

Mas aquilo também havia sido sugerido pelo caderno que tinha acabado de puxar da gaveta. Um caderno de beleza peculiar. Seu suave papel cor de creme, meio amarelado pelo tempo, era do tipo que não se fabricava havia uns quarenta anos. Poderia supor, no entanto, que o caderno era muito mais antigo do que isso. Tinha reparado nele jogado na vitrine de uma lojinha suja em um bairro pobre da cidade (não lembrava bem que bairro agora) e fora atingido de imediato pela vontade irresistível de possuí-lo. Não era visto com bons olhos que membros do Partido frequentassem lojas comuns (“mercado livre”, dizia-se), mas a regra não era seguida estritamente, porque muitas coisas, como cadarços e lâminas de barbear, eram impossíveis de encontrar de outro jeito. Deu

uma rápida olhada para cima e para baixo na rua e logo entrou e comprou o caderno por dois dólares e cinquenta, ainda sem saber para que função específica o desejava. Levou-o para casa dentro da pasta, sentindo-se culpado. Mesmo sem nada escrito nele, era uma posse comprometedora.

O que estava prestes a fazer era começar um diário. Não que fosse ilegal (nada era ilegal, já que leis não existiam mais), mas se fosse pego era quase certo que seria punido com a morte ou, pelo menos, com vinte e cinco anos em um campo de trabalhos forçados. Winston encaixou a ponta na caneta-tinteiro e a chupou para tirar a gordura. A caneta era um instrumento arcaico, raramente usada até mesmo para assinaturas, e ele tinha arranjado uma, de maneira furtiva e com muita dificuldade, só por sentir que o belo papel cor de creme merecia ser usado com uma caneta de verdade em vez de ser arranhado por um lápis de tinta. Na verdade, não estava acostumado a escrever à mão. Exceto por bilhetes muito curtos, era comum usar o ditafone, o que obviamente seria impossível para este propósito. Mergulhou a caneta na tinta e então hesitou um segundo. Um tremor percorreu suas entranhas. Marcar o papel era o ato decisivo. Escreveu em letras pequenas e desajeitadas:

4 de abril de 1984.

Recostou-se. Uma sensação de completo desamparo se abateu sobre ele. Para começar, não sabia com segurança se estava mesmo em 1984. Devia ser por volta dessa data, pois tinha quase certeza de que sua idade era trinta e nove, e acreditava ter nascido em 1944 ou 1945; mas hoje em dia era impossível identificar uma data com exatidão no espaço entre um e dois anos.

Para quem, de repente lhe ocorreu, escreveria este diário? Para o futuro, para os ainda não nascidos. Sua imaginação pairou por um momento em torno da data duvidosa na

página e, em seguida, trombou com um termo em falanova: duplipensar. Pela primeira vez, a magnitude do que estava empreendendo se voltava contra ele. Como alguém poderia se comunicar com o futuro? Era algo impossível por natureza. Ou o futuro seria semelhante ao presente, e nesse caso não lhe daria ouvidos, ou seria tão diferente que sua situação não faria sentido.

Por algum tempo, ficou estupidificado olhando para o papel. A programação da teletela havia mudado para uma estridente música militar. Curioso que ele parecia não só ter perdido o poder de se expressar, mas até mesmo ter esquecido o que pretendia dizer. Havia se preparado para este momento durante semanas e nunca lhe passara pela cabeça que seria necessário algo além da coragem. A parte da escrita seria fácil. Precisava apenas transferir para o papel o monólogo interminável e inquieto que rolava dentro da cabeça, literalmente, fazia muitos anos. Neste momento, entretanto, até o monólogo tinha secado. Além disso, sua úlcera varicosa começou a coçar de maneira insuportável. Não ousou se arranhar porque, se o fizesse, acabaria com uma inflamação. Os segundos foram passando. Ele não tinha consciência de nada, exceto do vazio da página diante de si, da coceira no tornozelo, da estridência da música e de uma leve zonzeira causada pelo gim.

De repente começou a escrever em puro pânico, só mais ou menos consciente do que fazia. A caligrafia miúda e infantil se espalhou pela página de cima a baixo, primeiro abandonando as letras maiúsculas e, depois, até mesmo os pontos finais:

4 de abril de 1984.

Ontem à noite peguei um cinema. Só filme de guerra. Um belo de um navio cheio de refugiados sendo bombardeado em algum lugar do Mediterrâneo. O público se divertiu muito com

as cenas de um homenzão gordo tentando nadar com um helicóptero atrás dele, no começo ele estava chafurdando na água feito um golfinho, depois você via o cara através das miras dos helicópteros, então ele apareceu cheio de buracos e o mar ao redor dele ficou rosa e ele afundou de repente como se os buracos fossem deixando a água entrar, a plateia gritando de tanto rir quando ele afundou. então se via um bote salva-vidas cheio de crianças com um helicóptero pairando sobre ele. tinha uma mulher de meia-idade que podia ser judia sentada na proa com um garotinho de uns três anos nos braços. o menino gritava de susto e escondia a cabeça entre os peitos dela como se estivesse tentando se enterrar dentro dela e a mulher colocando os braços em volta dele e confortando o menino embora ela mesma estivesse azul de medo, o tempo todo cobrindo o garotinho do jeito que dava como se pensasse que os braços fossem manter as balas longe dele. aí o helicóptero lançou uma bomba de 20 quilos entre eles um clarão terrível e o barco se partiu em mil pedacinhos. aí teve um quadro maravilhoso do braço de uma criança subindo subindo subindo até o ar um helicóptero com uma câmara no nariz deve ter seguido ele e teve muitos aplausos vindos dos assentos do partido mas uma mulher lá no meio dos proletas de repente começou a causar e gritar que não podiam mostrar isso na frente das crianças eles não podiam não tá certo não na frente das crianças não tá até que a polícia pegou a polícia pegou ela acho que não aconteceu nada com ela ninguém se importa com o que os proletas dizem reação típica de proletariado eles nunca...

Winston parou de escrever, um pouco porque sentiu cãibra. Não sabia o que o havia feito derramar essa torrente de lixo. Engraçado que, enquanto estava fazendo isso, uma outra memória se esclarecia em sua mente, a tal ponto que ele se sentiu quase a ponto de escrevê-la. Agora ele percebia que, por causa desse outro acontecimento, de repente tinha decidido voltar para casa e começar o diário naquele dia.

Tinha ocorrido aquela manhã no Ministério, se é que algo tão nebuloso poderia ser chamado de ocorrência.

Eram quase onze da manhã, e no Departamento de Registros, onde Winston trabalhava, estavam arrastando as cadeiras para fora dos cubículos e agrupando-as no centro do corredor, de frente para a grande teletela, em preparação para os Dois Minutos de Ódio. Winston tinha acabado de pegar um lugar numa das filas do meio quando duas pessoas que ele conhecia de vista, mas com quem nunca tinha falado, apareceram de surpresa na sala. Uma delas era uma garota que ele sempre via pelos corredores. Não sabia o nome dela, mas sabia que ela trabalhava no Departamento de Ficção. Ele supunha – já que às vezes a tinha visto com as mãos oleosas e carregando uma chave inglesa – que ela fazia algum trabalho braçal em uma das máquinas de escrever romances.

Era uma garota de aparência ousada, uns vinte e sete anos, cabelos escuros, rosto sardento e movimentos rápidos e atléticos. Uma faixa estreita e vermelha, emblema da Liga Mirim Antissexo, dava várias voltas na cintura de seu macacão, de maneira que evidenciava a forma de seus quadris. Desde o primeiro momento em que a viu, Winston não gostou dela. Sabia o motivo. Era por causa da atmosfera de campos de hóquei, de banhos frios e caminhadas comunitárias e de higiene mental que ela carregava. Ele não gostava de quase nenhuma mulher, em especial das jovens e bonitas. Eram sempre as mulheres, sobretudo as jovens, que eram adeptas mais fanáticas do Partido, repetidoras de slogans, espiãs amadoras e xeretas da heterodoxia. Mas esta garota em particular lhe dava a impressão de ser ainda mais perigosa que a maioria. Uma vez, quando se cruzaram pelo corredor, ela lançou um olhar rápido de soslaio que pareceu perfurá-lo e, por um momento, o encheu de terror. Passou-lhe pela cabeça que ela podia ser uma agente da Milícia Mental. Isso, na verdade, seria improvável. Mesmo assim,

ele continuou a sentir um mal-estar peculiar, uma mistura de medo e hostilidade, sempre que ela estava por perto.

A outra pessoa era um homem chamado O'Brien, membro do Núcleo do Partido e detentor de algum cargo tão importante e remoto que Winston tinha só uma vaga ideia de sua natureza. Um silêncio momentâneo atravessou o grupo de pessoas sentadas assim que viram a aproximação do macacão preto de um membro do Núcleo do Partido. O'Brien era um homem grande e corpulento, com um pescoço grosso, um rosto brutal e um jeito rude e fanfarrão. Apesar da aparência impressionante, ele até que exalava certo charme. Tinha um trejeito de ajeitar os óculos no nariz que era desconcertante – de uma forma indefinível, parecia curiosamente civilizado. Era um trejeito que, se alguém ainda pensasse em tais termos, poderia lembrar um nobre do século XVIII oferecendo sua caixinha de rapé. Winston tinha visto O'Brien talvez uma dúzia de vezes na mesma quantidade de anos. Sentia-se atraído por ele de um jeito profundo, e não apenas porque o contraste entre o estilo urbano de O'Brien e seu físico pujante o intrigava. Era mais porque tinha uma crença secreta – talvez nem tanto uma crença, só uma esperança – de que a ortodoxia política de O'Brien não era perfeita. Algo em seu rosto sugeria isso de modo irresistível. E, de novo, talvez não fosse bem *heterodoxia* que estivesse estampada em seu rosto, mas simplesmente inteligência. De qualquer forma, parecia ser uma pessoa com quem você poderia conversar, se achasse um jeito de enganar a teletela e de pegá-lo num momento a sós. Winston nunca havia feito o menor esforço para confirmar essa impressão: na verdade, nem tinha como. O'Brien olhou para o relógio de pulso, viu que eram quase onze horas e, claro, decidiu permanecer no Departamento de Registros até o final dos Dois Minutos de Ódio. Sentou-se em uma cadeira na mesma fileira de Winston, a alguns lugares de distância. Estava entre eles uma mulher loura, de aparência frágil, que trabalhava num

cubículo ao lado de Winston. A garota de cabelo escuro estava sentada logo atrás.

No momento seguinte, um guincho horrível e estridente, como de alguma máquina monstruosa funcionando sem óleo, explodiu da grande teletela no outro lado da sala. Era um barulho de fazer cerrar os dentes e arrepiar os cabelos da nuca de qualquer um. O Ódio tinha começado.

Como de costume, o rosto de Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, surgiu na tela. Houve assobios aqui e ali na audiência. A pequena mulher loura deu um guincho de medo e nojo misturados. Goldstein era o renegado e apóstata que, muito tempo atrás (há quanto tempo, ninguém lembrava), tinha sido uma das figuras de proa do Partido, quase no mesmo nível do próprio Irmão Maior, até se envolver em atividades contrarrevolucionárias, ser condenado à morte, mas escapar misteriosamente e desaparecer. Os programas Dois Minutos de Ódio variavam todo dia, mas não havia nenhum em que Goldstein não fosse o protagonista. Ele era o traidor original, o primeiro destruidor da pureza do Partido. Todos os crimes subsequentes contra o Partido, todos os desvios, atos de sabotagem, traições, heresias eram consequência direta de seus ensinamentos. Em algum lugar do planeta ele ainda estava vivo e criando conspirações: talvez além-mar, sob a proteção de seus financiadores estrangeiros, talvez até mesmo – rumores às vezes surgiam – em algum esconderijo na própria Oceânia.

O diafragma de Winston estava contraído. Ele sempre via o rosto de Goldstein com uma dolorosa mistura de emoções. Era um rosto magro de judeu, com uma grande auréola difusa de cabelos brancos e um pequeno cavanhaque – um rosto inteligente, mas de algum modo inerentemente desprezível, com uma espécie de tolice senil no nariz longo e fino sobre cuja ponta estava empoleirado um par de óculos. Parecia o rosto de uma ovelha, e a voz também tinha um quê de ovino.

Goldstein lançava seu costumeiro ataque venenoso contra as doutrinas do Partido – um ataque tão exagerado e perverso que nem mesmo uma criança se deixaria enganar, e ainda assim plausível o suficiente para dar ao espectador a sensação alarmante de que outras pessoas, não tão equilibradas, poderiam ser enganadas por ele. Goldstein atacava o Irmão Maior, denunciava a ditadura do Partido, exigia a conclusão imediata da paz com a Eurásia, defendia a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião, a liberdade de pensamento, gritava histericamente que a revolução tinha sido traída – tudo isso em um discurso rápido e polissilábico que era uma espécie de paródia do estilo habitual dos oradores do Partido, e que ainda por cima continha palavras em falanova: na verdade, mais palavras em falanova do que qualquer membro do Partido usaria na vida real. E o tempo todo, para que não ficássemos em dúvida quanto à realidade que a ilusória armadilha de Goldstein encobria, por trás de sua cabeça, na teletela, marchavam colunas intermináveis do Exército da Eurásia – fileiras e mais fileiras de homens de aparência sólida e rostos asiáticos inexpressivos, que nadavam até a superfície da tela e desapareciam, até serem substituídos por outros idênticos. O som ritmado das botas dos soldados formava o pano de fundo para o balido que era a voz de Goldstein.

Antes que o Ódio atingisse trinta segundos, exclamações de raiva incontrolável escapavam de metade das pessoas no recinto. O rosto presunçoso e ovino na tela e o terrível poder do exército eurasiático por trás dele eram demais para serem suportados: além disso, a visão e mesmo o pensamento de Goldstein produziam medo e raiva automáticos. Ele era um objeto de ódio mais constante que a Eurásia ou a Lestásia, visto que, quando a Oceânia estava em guerra com uma dessas potências, em geral estava em paz com a outra. Mas o estranho era que, embora Goldstein fosse odiado e desprezado por todo mundo, embora todos os dias, e mil vezes por dia,

em todas as plataformas, na teletela, nos jornais, nos livros, suas teorias fossem refutadas, esmagadas, ridicularizadas, expostas ao cancelamento geral pelo lamentável lixo que eram – apesar de tudo isso, a influência de Goldstein nunca parecia diminuir. Sempre havia novos idiotas esperando para serem seduzidos por ele. Não passava um dia sem que espiões e sabotadores agindo sob as instruções dele fossem desmascarados pela Milícia Mental. Goldstein comandava um vasto e sombrio exército, uma rede subterrânea de conspiradores dedicados à derrubada do Estado. A Irmandade, esse era seu suposto nome. Também corriam sussurros a respeito de um livro terrível, uma antologia de todas as heresias, de autoria de Goldstein, que estaria circulando de maneira clandestina por aí. Um livro sem título. As pessoas se referiam a ele, caso o fizessem, apenas como *o livro*. Mas só se sabia dessas coisas por rumores vagos. Nem a Irmandade nem *o livro* eram assuntos que qualquer membro comum do Partido mencionasse; era melhor evitá-los.

No segundo minuto, o Ódio atingiu o frenesi. Pessoas pulavam para cima e para baixo em seus lugares e gritavam histéricas no esforço de abafar o balido enlouquecedor que vinha da tela. A pequena mulher loura tinha ficado ruborizada, abrindo e fechando a boca como um peixe fora d'água. Até o rosto pesado de O'Brien ficou vermelho. Ele estava sentado muito ereto em sua cadeira, o peito poderoso inchando e tremendo como se estivesse enfrentando o ataque de uma onda. A garota de cabelos escuros atrás de Winston começou a gritar “Porco! Porco! Porco!” e de repente pegou um pesado dicionário de falanova e atirou na tela. O objeto atingiu o nariz de Goldstein e ricocheteou: a voz continuava de maneira inexorável. Em um momento de lucidez, Winston descobriu que ele também gritava junto com os outros e chutava o calcanhar violentamente contra a estrutura da própria cadeira. A coisa horrível sobre os Dois Minutos de Ódio não era que você fosse obrigado a desempenhar um papel, mas

que fosse impossível evitar a adesão. Em trinta segundos, qualquer fingimento se tornava desnecessário. Um êxtase horrível de medo e vingança, um desejo de matar, torturar, esmagar rostos com uma marreta parecia fluir através de todo o grupo como uma corrente elétrica, transformando as pessoas, mesmo contra sua vontade, em seres lunáticos que gritavam e faziam caretas. Mesmo assim, a raiva era uma emoção abstrata, sem direção, que poderia ser transmitida de um objeto a outro como a chama de um maçarico. Por isso, em dado instante, o ódio de Winston não se dirigia a Goldstein, mas, ao contrário, contra o Irmão Maior, o Partido e a Milícia Mental; e em tais momentos seu coração se voltava para o solitário e ridicularizado herege na tela, o único guardião da verdade e da sanidade em um mundo de mentiras. No entanto, já no instante seguinte ele concordava com as pessoas que o cercavam, e tudo o que elas gritavam sobre Goldstein lhe parecia verdadeiro. Nesses momentos, a aversão secreta pelo Irmão Maior se transformava em adoração, e o Irmão Maior parecia se elevar, um protetor invencível e destemido erguendo-se como uma rocha contra as hordas da Ásia, e Goldstein, apesar do isolamento, do desamparo e da própria dúvida que pairava sobre sua existência, parecia um feiticeiro sinistro, capaz, pelo mero poder de sua voz, de destruir a estrutura da civilização.

Era até possível, em alguns momentos, mudar o alvo do próprio ódio por meio de um ato voluntário. De repente, no mesmo esforço violento com que se levanta a cabeça do travesseiro durante um pesadelo, Winston conseguiu transferir seu ódio do rosto na tela para a garota de cabelos escuros atrás dele. Alucinações belas e vívidas passaram por sua imaginação. Ele ia golpeá-la até a morte com um cassetete de borracha. Ia amarrá-la nua a uma estaca e enchê-la de flechas como São Sebastião. Ele ia estuprá-la e cortar sua garganta no momento do orgasmo. Além disso, muito mais claro do que antes, ele percebeu *por que* a odiava. Ele a odia-

va porque era jovem, bonita e assexuada, porque queria ir para a cama com ela e nunca conseguiria isso, porque em volta de sua cintura doce e flexível, que parecia pedir para ser envolvida com o braço, existia só aquela odiosa faixa es-carlate, o agressivo símbolo de castidade.

O Ódio atingiu o clímax. A voz de Goldstein tornou-se um balido real, e por um instante o rosto dele se transmutou no de uma ovelha. Em seguida, o rosto de ovelha fundiu-se à figura de um soldado eurasiiano que parecia avançar, enorme e terrível, sua metralhadora rugindo, e saltar para fora da superfície da tela, de forma que algumas pessoas na primeira fila de fato se jogaram para trás em seus assentos. Mas, ao mesmo tempo, trazendo um profundo suspiro de alívio a todos, a figura hostil fundiu-se ao rosto do Irmão Maior, cabelo preto, bigode preto, cheio de poder e de uma calma misteriosa, e tão imenso que quase enchia a tela. Ninguém ouviu o que o Irmão Maior falou. Foram apenas algumas palavras de encorajamento, do tipo que são proferidas no calor de uma batalha, não distinguíveis individualmente, mas que restauraram a confiança só pelo fato de terem sido ditas. Em seguida, o rosto do Irmão Maior desapareceu e, no lugar dele, os três slogans do Partido permaneceram em negrito:

GUERRA É PAZ

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

IGNORÂNCIA É FORÇA

Mas o rosto do Irmão Maior pareceu persistir por muitos segundos na tela, como se o impacto que causasse em todos os olhos fosse vívido demais para ser diluído imediatamente. A pequena loura tinha se jogado sobre as costas da cadeira na frente dela. Com um murmúrio trêmulo que soou como “meu salvador!”, ela estendeu os braços em direção à tela. Então enterrou o rosto nas mãos. Era evidente que ela proferia uma oração.

Nesse momento, todas as pessoas entoaram um canto profundo, lento e ritmado, “I...M! I...M! I...M!”, de novo e de novo, bem devagar, com uma longa pausa entre o “I” e o “M”, um som pesado e murmurante, selvagem, meio estranho, ao fundo do qual parecia haver uma batida de pés descalços e um latejar de tambores. Ficaram nisso por uns trinta segundos. Era um refrão muito ouvido em momentos de emoção avassaladora. Em parte, era uma espécie de hino para a sabedoria e majestade do Irmão Maior, mas antes de tudo funcionava como um ato de auto-hipnose, um afogamento deliberado da consciência por meio do ruído ritmado. As entranhas de Winston gelaram. Nos Dois Minutos de Ódio, ele não podia evitar a participação no delírio geral, mas este canto subumano de “I...M! I...M!” sempre o enchia de horror. Claro que cantava com a turba: era impossível portar-se de outra maneira. Dissimular suas emoções, controlar seu rosto, fazer o que todo mundo estava fazendo eram reações instintivas. Mas houve um espaço de uns dois segundos em que a expressão em seus olhos poderia tê-lo traído. E foi bem nesse momento que a coisa significativa aconteceu – se é que de fato aconteceu.

Por um instante, capturou a atenção de O’Brien, que tinha se levantado. O’Brien tirara os óculos e estava no ato de colocá-los de volta ao nariz em seu trejeito característico. Mas houve uma fração de segundo em que seus olhos se encontraram, e pelo tempo que isso durou, Winston soube – sim, ele soube! – que O’Brien pensava o mesmo que ele. Uma mensagem inconfundível havia sido transmitida. Era como se as duas cabeças tivessem se aberto e os pensamentos fluíssem de uma para a outra através dos olhos. “Estou com você”, O’Brien parecia dizer a ele. “Sei exatamente o que você sente. Sei tudo sobre seu desprezo, seu ódio, sua repulsa. Mas não se preocupe, estou do seu lado!” E então o clarão de inteligência sumiu, e o rosto de O’Brien voltou a ser tão inescrutável quanto o de todos os outros.

O que aconteceu foi só isso, e ele já não tinha certeza de que havia mesmo acontecido. Esses incidentes nunca chegavam a ter qualquer sequência. Só serviam para manter viva nele a crença, ou a esperança, de que outros também fossem inimigos do Partido. Talvez os rumores das vastas conspirações clandestinas no fim fossem verdadeiros – talvez a Irmandade realmente existisse! Era impossível, apesar das intermináveis prisões e confissões e execuções, ter certeza de que a Irmandade não fosse apenas um mito. Em alguns dias ele acreditava nisso, em outros não. Não havia evidências, só vislumbres que poderiam significar qualquer coisa ou nada: fragmentos de conversa ouvidos aqui e ali, grafites ilegíveis nas paredes do banheiro – uma vez, até, quando presenciou o encontro de dois estranhos, pressentiu um pequeno movimento das mãos que parecia um sinal de reconhecimento. Eram só especulações: muito provavelmente ele tinha imaginado tudo. Voltara ao seu cubículo sem olhar de novo para O'Brien. A ideia de prosseguir aquele contato fugaz sequer tinha passado por sua cabeça. Teria sido perigoso em um nível inconcebível, mesmo se ele soubesse como começar a proceder. Por um ou dois segundos eles tiveram uma troca de olhares ambígua, fim da história. Mas até isso era um evento memorável, tamanha a solidão confinada em que era obrigado a viver.

Winston esticou as costas e se endireitou. Soltou um arrotto. O gim subia pelo estômago.

Seus olhos voltaram a se concentrar na página. Descobriu que enquanto estivera ali meditando, desamparado, também havia escrito de modo quase automático. E não era mais a mesma caligrafia embolada e constrangedora de antes. A caneta deslizara voluptuosa em cima do papel macio, desenhando em grandes letras maiúsculas

FORA IRMÃO MAIOR FORA IRMÃO MAIOR FORA IRMÃO
MAIOR FORA IRMÃO MAIOR FORA IRMÃO MAIOR

e de novo e de novo e de novo, enchendo meia página.

Não teve como evitar uma pontada de pânico. Era um absurdo, pois a mera escrita dessas palavras específicas não seria mais perigosa do que o ato inicial de começar o diário; mas por um instante ele sentiu-se tentado a arrancar as páginas estragadas e abandonar de uma vez aquele projeto.

Não o fez, porém, porque sabia que era inútil. Escrever FORA IRMÃO MAIOR ou abster-se de escrevê-lo não fazia diferença. Continuar ou não continuar o diário não fazia diferença. A Milícia Mental o pegaria da mesma forma. Ele tinha cometido – e teria cometido mesmo se nunca tivesse colocado a caneta no papel – o crime essencial que continha todos os outros. Crimepensar, como era chamado. O crimepensar não era uma coisa que se pudesse esconder para sempre. Você podia se esquivar com sucesso por um tempo, até por anos, mas mais cedo ou mais tarde estava fadado a ser pego.

Era sempre à noite – as prisões aconteciam sempre à noite. A sacudida repentina durante o sono, a mão violenta apertando seu ombro, as luzes cegando seus olhos, o círculo de rostos duros em volta da cama. Na grande maioria dos casos, não havia julgamento, nenhum boletim de detenção. As pessoas apenas sumiam, e era sempre durante a noite. Seu nome desapareceria dos arquivos, todos os registros de tudo o que você já tinha feito eram eliminados, sua existência inteira era negada e então esquecida. Você era cancelado, deletado: *vaporizado* era o termo usual.

Por um momento, Winston foi tomado por uma espécie de histeria. Desatou num rabisco apressado e desordenado:

*vão atirar em mim não me importo vão atirar na minha nuca
não me importo fora irmão maior eles sempre atiram em você
pelas costas na nuca não me importo fora irmão maior*

Ele se recostou na cadeira, ligeiramente envergonhado de si mesmo, e largou a caneta. No momento seguinte levou um susto violento. Alguém batia na porta.

Já? Ficou imóvel como um rato, na vã esperança de que a pessoa fosse embora após uma única tentativa. Mas não, as batidas continuavam. O pior de tudo seria procrastinar. O coração batia como um tambor, mas o rosto, por hábito, provavelmente estava sem expressão. Ele se levantou e foi com o passo pesado até a porta.

SOBRE O AUTOR

GEORGE ORWELL (1903–1950) é o pseudônimo de Eric Arthur Blair, romancista, ensaísta e jornalista inglês. Nasceu em 1903 na cidade de Motihari e filho de um oficial britânico, estudou no prestigiado colégio de elite Eton, onde foi aluno de Aldous Huxley. Em 1922 ingressou na Força Policial Imperial Indiana, na Birmânia, experiência que resultaria em seu primeiro romance, *Dias na Birmânia* (1934). Depois de seu regresso à Europa, participou como combatente na Guerra Civil Espanhola, além de ter contribuído como editor literário e articulista de importantes jornais. Escrito em 1949, um ano antes de sua morte, *1984* é seu principal romance.

Copyright © 2021 Tordesilhas
Título original: *Nineteen Eighty-Four*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora. O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO Amanda Cestaro

IMAGEM DE CAPA Andy Gregg

REVISÃO Laura Folgueira e Audrya Oliveira

PREPARAÇÃO Fernanda Cosenza

1ª edição, 2021

ISBN 978-65-5568-015-7

2021

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.

Avenida Paulista, 1337, conjunto 11

01311-200 – São Paulo – SP

www.tordesilhaslivros.com.br



/Tordesilhas

blog.tordesilhaslivros.com.br

Em Londres, cidade localizada no superestado transcontinental da Oceânia, o falsificador de documentos históricos do Ministério da Verdade Winston Smith não suporta o regime totalitário sob o qual vive, mas não faz mais do que encher páginas de seu diário com sua angústia e desalento. Presente em todos os momentos, em todos os lugares e sempre apto a condenar qualquer mínima infração, o Irmão Maior, líder distante e abstrato, é magnânimo e inatingível demais em seu poder. Até que Smith conhece Júlia, funcionária do Departamento de Ficção, e após se apaixonarem clandestinamente um pelo outro, sentem que uma quebra na estrutura social finalmente é possível.

